

A ESCOLA PRIMARIA

Revista de Educação

SUMMARIO

Presidente Getulio Vargas.....A Campanha da Ordem

Ministro Gustavo Capanema.....O Inquerito Educacional

Bastos de Avila.....A côr da pelle

— Bibliographia

Mestre-Escola.....Tres Palavrinhas

Pedro A. Pinto.....Lingua Materna

*Comunicados da
Associação Brasileira de Educação*

A Exercicio e a Educação Nacional
O remuneração do professorado primario
Administração educacional
As despezas federaes com a educação em
1933

Redacção e Administração

Rua Sete de Setembro, 174

RIO DE JANEIRO

BRASIL

A ESCOLA PRIMARIA

— REVISTA MENSAL —

Director: ALFREDO C. DE F. ALVIM
Superintendente de Educação Elementar
REDACÇÃO: RUA SETE DE SETEMBRO, 174
RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil } um anno.... 12\$000
6 mezes..... 6\$000

SUMMARIO

Presidente Getulio Vargas A Campanha da Ordem
Ministro Gustavo Capanema..... O Inquerito Educacional
Bastos de Avila..... A côr da pelle
Bibliographia
Mestre Escola..... Tres Palavrinhas
Pedro A. Pinto..... Língua Materna

Communicados da Associação
Brasileira de Educação.....

O Exercito e a Educação Nacional.
O remuneração do professorado primario.
Administração educacional.
As despesas federaes com a educação em 1933.

A Campanha da Ordem

Forçoso é reconhecer que somos essencialmente um povo de boa fé. Os dolorosos acontecimentos que se deram em alguns pontos do país, especialmente no Rio de Janeiro e em Natal, revelaram á enorme maioria da população verdadeiras surpresas. A quasi ninguém occorria que tão largamente se houresse feito a infiltração comunista tanto no elemento civil como no militar, e estavam quasi todos ingenuamente persuadidos de que não havia senão atitudes e verbalismo, da parte dos que professavam, velada ou ostensivamente, tal doutrina.

E' claro que não podemos permanecer nessa excessiva boa fé: temos de abrir os olhos e de observar cuidadosamente a propaganda disfarçada ou clara, as manobras pérfidas dos que pretendem impôr ao Brasil um regime novo, desastrosamente experimentado alhures, e que conscientemente não admittimos. Não poderemos permittir taes actividades revolucionarias, que têm

sido toleradas por uma benevolencia inadmissivel. Que liberdade é essa, de conspirar não já contra o governo, mas contra a propria patria em seus mais nobres fundamentos, em suas linhas mestras, em seu arcabouço verdadeiro?

Felizmente a opinião nacional desperta e o toque de alerta acaba de ser dado pelo proprio Chefe da Nação, que em palavras repassadas de sereno patriotismo falou ao Brasil inteiro, por intermedio do radio, no momento exacto em que se iniciava o corrente anno.

Taes palavras, que o país inteiro ouviu e applaudiu com fervor, queremos reproduzil-as aqui, em justa homenagem á sinceridade e á coragem civica do sr. Getulio Vargas e fazemos votos para que ellas se incorporem indelevelmente á consciencia de todos os brasileiros, especialmente á daquelles de nossos irmãos, que seduzidos pelos encantos da novidade e da extravagancia,

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção: Rua Sete de Setembro, 174

EM

CAMBUQUIRA

Procurai

“ELITE HOTEL”

O QUE MAIS CONFORTO OFFERECE AOS SENHORES VERANISTAS — O MELHOR DE TODAS AS ESTANCIAS HYDRO-MINERAES DO BRASIL

Rivalisa com os mais modernos hotéis do Rio de Janeiro

Apartamentos luxuosos, amplamente ventilados e dotados de installações electricas, agua corrente, etc.

Em todas as peças do edificio predominam a elegancia e o bom gosto

As diarias vão de 15 a 20\$000, conforme os dormitórios. Os professores gozarão, a pedido da direção desta revista, de uma redução de 0% quando acompanhados de familia.

Para mais informações dirigir-se ao proprietario

JULIO DE ANDRADE LEMOS

OU A ESTA REDACÇÃO

COLLECÇÃO DO ANNO 1934—35

d'a Escola Primaria

Forma um volume de perto de 300 paginas. Conferencias pedagogicas. Artigos doutrinarios. Interessantes trabalhos sobre a Escola Activa. Lições e exercicios praticos que constituem excellente guia para o professor.

PREÇO } encadernada :..... 16\$000
em avulsos 12\$000

Dirigir os pedidos á Redacção d'A

“ESCOLA PRIMARIA”

Rua 7 de Setembro, 174

RIO DE JANEIRO

têm sido tentados a professar, embora plâtonicamente, uma doutrina perigosa, que envenena as fontes mais puras da mentalidade e da consciencia moral. Unamo-nos to-

BRASILEIROS

Em todos os recantos da terra, nesta hora de expansões fraternas, a humanidade esquece, por alguns momentos, os dissabores e labutas afanosas e ergue-se em espirito e coração para, entre excelsas esperanças e amáveis anhelos, proclamar a sua fé num futuro melhor.

Sómente palavras de suavidade e conforto deveriam ouvir-se, portanto, reforçando o coro de universal aclamação aos sentimentos christãos dos povos.

Entretanto, para nós, brasileiros, de alma sempre aberta á ternura e aos commovidos anseios de paz e de fraternidade, para nós serão diversas as vozes desta hora excepcional.

Forças do mal e do odio campearam sobre a nacionalidade, ensombrando o espirito amavel da nossa terra e da nossa gente. Os acontecimentos lutosos dos ultimos dias de Novembro permittiram, felizmente, reconhecê-las antes que fosse demasiado tarde para reagirmos em defesa da ordem social e do patrimonio moral da Nação.

Alicerçado no conceito materialista da vida, o communismo constitue-se o inimigo mais perigoso da civilização christã. A luz da nossa formação espirital, só podemos concebê-lo como o aniquilamento absoluto de todas as conquistas da cultura occidental, sob o imperio dos baixos appetites e das infimas paixões da humanidade—especie de regresso ao primitivismo, ás fórmulas elementares da organização social, caracterizadas pelo predomínio do instincto gregario e cujos exemplos typicos são as antigas tribus do interior da Asia.

Em flagrante opposição e inadaptable ao grão de cultura e ao progresso material do nosso tempo, o communismo está condemnado a manter-se em attitude de permanente violencia, falha de qualquer sentido constructor e organico, isto é, subversiva e demolidora, visando, por todos os meios, implantar e systematizar a desordem para crear-se, assim, condi-

dos os brasileiros conservadores, ainda que nos acoimem de retrogradados, para proclamar, com as palavras do mais alto magistrado da Nação:

ções de exito e oportunidades que lhe permittam empolgar o poder para exercê-lo tyrannicamente, em nome e em proveito de um pequeno grupo de illusos, de audazes e de exploradores, contra os interesses e com sacrificio das mais sagrados direitos da collectividade.

Nunca poderá vencer, portanto, utilizando a propaganda aberta e franca, feita lealmente e sem temor á verdade, para dominar a vontade das maiorias, pelo exercicio do voto livre. Bem diversos, dahi, os seus methods e expedientes de expansão e proselytismo. Prégando ou conspirando, seus apóstolos jamais confessam o que são, mas, ao contrario, desdizem se ou se declaram, quando mais corajosos, socialistas avançados ou pacificos sympathizantes das idéas marxistas. A dissimulação, a mentira, a felonía constituem as suas armas, chegando, não raro, á audacia e ao cynismo de se proclamarem nacionalistas e de receberem o dinheiro da trahição para entregar a Patria ao dominio estrangeiro.

Sejam quaes forem os disfarces e os processos usados, os adeptos do communismo perseguem invariavelmente os mesmos fins. Como por toda a parte, tambem entre nós distribuem-se por categorias de facil identificação.

Ha os conspiradores, partidarios da violencia, querendo precipitar os acontecimentos pelos golpes de força e pela technica da rebellião, certos de que nunca poderão contar com a maioria da representação politica, ou antes, seguros de que terão de enfrentar sempre a repulsa integral do povo brasileiro. Esses são, pelo menos, coherentes, porquanto o regimen sovietico visa precisamente instituir o governo das minorias oppressoras, escravizando a inconsciencia das maiorias.

Ha os prégadores, os professores, os doutrinadores do communismo, disfarçados em marxistas, em ideologos de nova era social, mystificadores de toda casta, perniciosos e astutos. São os que enve-

nenam o ambiente, turvam as aguas, não praticando mas ensinando o communismo nas escolas, distribuindo livros sectaristas, propinando o veneno e protestando innocencia a cada passo, pois não invocam a sua labia, a violencia e sim a modificação evolutiva dos valores universaes. Tão perigosos quanto os outros, definem-se pela pusilanimidade e pela hypocrisia com que se mascaram, adaptando-se ás exigencias do meio social, onde vivem e de cujo trabalho se mantêm parasitariamente.

Nas promessas abundantes e falazes, os nossos communistas imitam os apóstolos do bolchevismo russo, evitando, porém, lembrar como conseguiram sovietizar a Russia.

Tambem elles se diziam protectores do proletario, e supprimiram a sua liberdade, instituindo o trabalho escravo; promettiam a terra, e despojaram os camponeses das suas lavouras, forçando-os a trabalhar por conta do Estado, sob o jugo de uma dictadura feroz, reduzidos ainda a maior miseria.

Padrão eloquente e insophismavel do que seria o communismo no Brasil tive-mol-o nos episodios da baixa rapina e negro vandalismo de que foram teatro as ruas de Natal e de Recife, durante o surto vergonhoso dos implantadores do credo russo, assim como na rebellião de 27 de Novembro, nesta capital, com o registro de scenas de revoltante trahição e até de assassinio frio e calculado de companheiros confiantes e adormecidos.

Os factos não permittem mais duvidar do perigo que nos ameaça. Felizmente, a Nação sentiu esse perigo e reagiu com todas as suas reservas de energias sãs e constructoras.

A quasi unanimidade das forças politicas do paiz, integradas todas na opinião publica, mobilizou-se para fortalecer o governo na adopção das medidas necessarias para agir dentro da lei e dar maior eficiencia ás suas decisões repressivas.

Confortador sob todos os aspectos, foi esse movimento da opinião nacional, através dos órgãos mais autorizados de todas as actividades politicas, economicas e sociaes do paiz.

O Poder Legislativo collocou-se á altura das responsabilidades do momento,

demonstrando que a estrutura democratica do regimen possui flexibilidade bastante para sobrepor-se aos assaltos do extremismo subversivo e demolidor.

A rápida e vigorosa acção das forças armadas, repellindo e dominando, nesse lance lamentavel, as ambições e o desnor-teamento de alguns máos militares, foi exemplarmente patriótica. Evidenciando-lhes o espirito de lealdade e civismo, serviu para demonstrar, ao mesmo tempo, a conveniencia de se conservarem afastados e á margem das lutas politicas, para melhor se consagrarem ao tirocinio das actividades profissionaes, ao culto da disciplina e da obediencia aos poderes constituidos, ao devotamento pela segurança publica e pela integridade da soberania nacional.

Outra reacção exemplificante, no combate ao surto extremista, foi a do trabalhador brasileiro, que de modo explicito negou solidariedade aos empreiteiros da desordem.

O programma apregoado pelos sectarios do communismo no Brasil, ignorantes do que vae pelo paiz e vãos de idéas validas, incluía como aspiração do proletariado nacional, reformas já executadas e em pleno vigor. O nosso operario nada teria a lucrar com o regimen sovietico. Perderia pelo contrario, as conquistas obtidas como concessão espontanea dos poderes instituidos, em troca da submissão ao trabalho forçado e colectivo. Basta referir, para tanto, os direitos e os beneficios assegurados aos nossos trabalhadores desde 1930, como sejam a organização syndical, a lei de 8 horas, a regulamentação do trabalho das mulheres e das creanças, a lei chamada dos 2/3, obrigando o aproveitamento de dois terços de nacionaes em todos os estabelecimentos do commercio e da industria, a applicação da lei de férias, a representação de classes e finalmente a instituição de grande numero de institutos de previdencia social, garantidores da subsistencia na velhice ou na invalidez, amparando o futuro das familias, na desgraça ou na orphandade, para os commerciaros, bancarios, empregados de empresas de transporte, maritimos, estivadores e demais collaboradores da riqueza e do bem estar colectivo.

A punição dos culpados e responsáveis pelos acontecimentos de Novembro, impõe-se, como acto de estricte justiça e de reparação como exercício legítimo do direito de defesa da sociedade, em face da actividade criminosa e organicamente anti-social dos seus inimigos declarados e reconhecidos. Impõe-se, ainda mais, pelo dever que o Estado tem de salvaguardar a nacionalidade atacada e ameaçada pela decomposição bolchevista.

O communismo encarado como força desintegradora e agente provocador de sérias perturbações, constitue no Brasil pe,a sua profunda e extensa infiltração, já comprovada mas desconhecida ainda do publico, perigo muito maior do que se possa suppor.

O fermento das doutrinas exóticas e subversivas facilmente se propaga, quando encontra meio adequado e propicio. Servem-lhe de caldo de cultura o relaxamento dos vinculos moraes e a passividade, o egoismo commodista dos elementos responsáveis pelo equilibrio da vida social. Collaboram tambem indirectamente para a nefasta expansão dessas doutrinas todos os que, pelo indifferentismo, pela descrença, pela ociosidade, pela pobreza de senso moral, vivem á margem da vida publica, actuando como força de inercia ou de acção negativa na marcha das actividades constructivas do paiz.

Compreende-se, assim, que não basta punir os que pretenderam, usando de violencia e de traição, abater o regimen.

Torna-se indispensável, tambem, fazer obra preventiva e de saneamento, desintoxicando o ambiente, limpando a atmosfera moral e evitando, principalmente, que a mocidade, tão generosa nos seus impulsos e tão impressionavel nas suas aptidões de percepção e de intelligencia, se contamine e se desvíe do bom caminho ao influxo e sob o exemplo dos máos e dos falsos conductores em geral mesquinhos, perversos e pedantes.

Essa obra deve começar dentro da propria administração publica, pelo afastamento de todos os que, exercendo funções remuneradas pelo Estado, servem ao credo comunista, pregando-o, protegendo-o, abalando ao mesmo tempo o prin-

cipio de autoridade e enfraquecendo a sua ascendencia disciplinadora.

Parece chegado o momento de reunir e solidarizar todos os espiritos bem formados numa campanha tenaz e vigorosa em prol do levantamento do nivel mental e das reservas de patriotismo do povo brasileiro, collocando as suas aspirações e as suas necessidades no mesmo plano e direcção em que se processa o engrandecimento da nacionalidade.

Não esqueçamos que, ao lado das nossas possibilidades de riqueza, o homem brasileiro offerece, pelas virtudes do seu character e pela sua capacidade para adaptar-se, possibilidades ainda maiores, do ponto de vista educativo e de preparação para a vida. Merece, por isso, ser tratado como material precioso, capaz de amoldar-se a um typo ideal forte de corpo e de espirito, dynamico pela força do braço e dominador pela penetração da intelligencia.

Mas, para chegar lá, precisa, a par de educação, de assistencia e de trabalho, uma directriz moral que o eleve sobre as preocupações exclusivamente materiaes da vida.

As seducções do communismo, como doutrina e falso remedio para curar males politicos, serão minimas ou deixarão de existir no dia em que pudermos oppor-lhes a resistencia de convicções proprias, seguras e claramente conformadas, com projecções definidas no campo social e economico, e mesmo no das artes e da philosophia.

O communismo trata o homem como instrumento, como simples factor de trabalho, escraviza-lhe o esforço materializando-o. Diverso deve ser o nosso objectivo. Cumpre preparal-o para ser util a si mesmo e á sociedade e para que, vivendo em commum com os outros homens, se compræza em amal-ossem egoismo e sem preconceitos de superioridade de classes ou de raças.

O poder publico, posto a serviço dos interesses vitaes da nacionalidade, cuja estrutura assenta sobre a familia e o sentimento de religião e de Patria, poderá reflectir salutarmente nessas preocupações orientando-se no mesmo sentido e concorrendo, na esphera das suas actividades, para a grande obra de salvação nacional

que o momento está a exigir e que deve ser iniciada sem tardança.

No desempenho das altas attribuições de Chefe do Governo não costumo medir responsabilidades nem consequências.

Recebo, com frequencia, ameaças ou avisos de dissimulado interesse, prevenindo-me contra attentados. Isto, em vez de cohibir, estimula e retempera as minhas reservas de acção.

Tenho deveres a cumprir—deveres amargos ou gratos, que desempenharei com alegria ou doloroso pezar—mas imprescriptiveis perante a Nação. Não os sacrificarei jámais aos imperativos da amizade e do affecto pessoal, porque amigos serão todos os que me seguirem na defesa do Brasil e parentes todos os que pertençam á grande familia christã que o communismo pretende destruir.

Na tarefa patriotica de combater por todos os meios a insidiosa e nefasta infiltração do communismo, não empenhamos somente o nosso interesse e responsabilidade directa. Dada a projecção continental do Brasil, os demais paizes da America do Sul terão de comprehender os riscos e consequencias da intensificação da propaganda comunista entre nós e o perigo commum que ella representa, como permanente factor de intranquilidade e desordem. Defendendo-nos, portanto, das investidas do sovietismo russo, estamos defendendo tambem as nações vizinhas e a paz de todo o continente americano.

Por assim o comprehender, a Republica Oriental do Uruguay acaba de adoptar uma medida que só póde merecer os nossos applausos, pela excepcional significação que se lhe deve prestar em momento de tantas e geraes apprehensões. Depois de apurar a connivencia da representação sovietica no movimento comunista do Brasil, o Governo Uruguayo rompeu as relações diplomaticas com a Russia. Foi um grande e bello exemplo de solidariedade americana, que sensibilizou

profundamente o povo brasileiro, accrescendo os fortes motivos de estima e sympathia que sempre o aproximaram do glorioso e nobre povo uruguayo.

Brasileiros !

No limiar do novo anno, quando entre festividades e effusões de alegria, rodeados pelas creaturas que amaes e pelas pessoas que vos dão o conforto de uma estima leal e dedicada, expandis os vossos affectos e sentimentos, deveis ter tambem um pensamento votivo para a nossa Patria, que seja penhor de inflexivel decisão na sua defesa e ao mesmo tempo invocação á eterna bondade divina, para que a não desampare jamais—pensamento aquecido do coração de todos os brasileiros e que, embora fugaz como uma scintilha, tenha a força e a significação de um puro acto de consciencia.

Desde os que vivem a vida das nossas modernas e industriosas cidades, a começar pelos que integram o generoso e bravo povo carioca, sempre commovido ante as acções e as idéas nobres, como antena sensível a todas as irradiações da graça, da belleza e do espirito,—até os que compõem esse admiravel povo dos nossos sertões e do nosso immenso litoral tenaz e heroico no duro esforço com que trabalha para conquistar o proprio pão e prevenir o bem estar colectivo de todos vós brasileiros de todas as classes, de todas as profissões e de todas as cidades, deveis levantar a vossa alma, pelo amor de Brasil, numa affirmação de fé, num impulso de confiança pela sua grandeza e pelo seu destino glorioso, bem comprehendendo o momento, collaborando com os poderes publicos, resistindo á pressão destruidora da violencia, da fraude e da simulação do communismo, realizando, emfim, a união sagrada de todos pelo ideal supremo de honrar o nosso passado e de accrescer as glorias dos que nos precederam na obra immortal de construção de uma Patria cada vez maior, mais prospera e mais feliz !

O INQUERITO EDUCACIONAL

O Ministro da Educação acaba de publicar um amplo questionário, que abrange seguramente todas as minúcias importantes a respeito do ensino e da educação. Esse questionário, offerecido não só aos educadores, mas a todos os espiritos de vontade, destina-se á organização do plano educacional, de que cogita a Constituição.

Iniciamos hoje, com enorme prazer, a publicação do notavel trabalho, cuja organização fôra commettida pelo notavel ministro sr. Gustavo Capanema a um grupo de conhecidos e afamados educadores e assim queremos offerecer a nossa collaboração de admiradores e de velhos luctadores da boa causa da educação nacional.

E' necessario frisar que pela primeira vez se emprehe em nosso país um inquerito tão vasto, democratico e sincero, a que são chamados imparcialmente todos os que podem dizer alguma coisa. Digam-no, pois, principalmente os educadores, que no diuturno lidar com o espirito fresco das crianças ou com a mente cansada dos adultos sem instrucção, têm accumulado tantas observações justas e não raro, apesar da enorme modestia que os caracteriza, deixam escapar tantas idéas merecedoras de aproveitamento e de experiencia; digam-no lealmente, respondendo ao amplo e minucioso questionário elaborado pelo eminente sr. ministro da Educação, para que á discussão todas as suggestões, todas as observações, todas as idéas, de que o Conselho Nacional de Educação saberá escolher o que mais acertado parecer, para elaborar o plano nacional de educação.

DUAS PALAVRAS

«Este anno é da educação». Esta phrase, ha pouco proferida pelo presidente Getulio Vargas, tem este claro significado de que todos os esforços serão empenhados para que, em 1936, tome novo e vivo impulso a obra da educação, em nosso paiz: com a precisa definição de suas directrizes e com a activação e a multiplicação de seus instrumentos.

O inquerito, que se inicia com o presente questionário, tem como objectivo primordial

recolher informações e estudos que sirvam á elaboração do plano nacional de educação, código daquellas directrizes. E', portanto, um empreendimento que naturalmente se enquadra no programma presidencial.

Organizei o questionário, ora apresentado, com a collaboração de algumas figuras de relevo em nossos meios educativos: Lourenço Filho, Paulo de Assis Ribeiro, José Eduardo da Fonseca, Julio de Mesquita, Filho, Almeida Junior, Paul Arbousse Bastide, Hélene Antipoff, Benedicta Valladares, Alda Lodi e Noemi Silveira.

O trabalho se resente, sem duvida, de varias lacunas. Talvez nem todas as questões estejam formuladas pela maneira mais conveniente. A disposição da materia póde não ser a melhor. Numa obra de tamanhas difficuldades como esta, taes defeitos têm natural explicação. Seja como fôr, ahí está, na integral proposição do problema, um grande esforço para resolvê-lo.

Dirige-se o questionário aos brasileiros — professores, estudantes, jornalistas, escriptores, cientistas, sacerdotes, militares, politicos, profissionaes das varias categorias, — a todos quantos estejam convencidos de que a educação é o problema primeiro, essencial e basico da Nação e, por isto, a queiram orientada no mais seguro sentido e dotada da melhor organização.

As respostas que forem dadas, com as idéas, as suggestões, os pontos de vista dos varios sectores da opinião, constituirão elementos da mais alta valia, de que o Conselho Nacional de Educação certamente se utilizará, quando, dentro em pouco, no desempenho de uma de suas precipuas attribuições constitucionaes, entrar a elaborar o plano nacional de educação.

Rio de Janeiro, 16 de Janeiro de 1936.

GUSTAVO CAPANEMA.

TITULO I

Introdução

CAPITULO I

Definição, comprehensão e duração do plano nacional de educação

1—Como póde ser definido o plano nacional de educação? Qual deve ser a sua comprehensão? Deverá abranger somente as actividades escolares ou se estenderá a todas

as actividades extra-escolares de influencia educativa?

2—Como se deve entender a educação ministrada pela familia?

3—Em que limites deve ser a educação ministrada pelos poderes publicos?

4—Que limite deverá ter o plano nacional de educação, comprehendido como um código de directrizes da educação nacional?

5—Que duração periodica deverá ter o plano nacional de educação? E' aconselhavel a duração de dez annos, periodo sufficiente para a sua applicação integral e verificação de todos os seus resultados?

CAPITULO II

Principios que devem orientar a educação no Brasil

6—Que principios de ordem geral devem orientar a educação no Brasil? Taes principios devem ser formulados no plano nacional de educação?

7—Que principios especiaes devem orientar a educação, em todo o paiz, de maneira que ella sirva efficientemente á segurança e á ordem, á continuidade e ao progresso da nação brasileira?

8—Que sentido têm as expressões *espirito brasileiro e consciencia de solidariedade humana*, empregadas no art. 149 da Constituição?

TITULO II

Das instituições educativas

CAPITULO I

Discriminação

9—Como classificar as instituições educativas? E' aceitavel a classificação que as distribúa nestas duas categorias: a) — instituições escolares, cuja actividade se desenvolva dentro dos programmas da escola; b) — instituições extra-escolares, independentes da escola e destinadas ao desenvolvimento cultural?

10—Convirá separar as instituições escolares nestes tres grupos: a) — instituições de ensino geral, pelas quaes deva ou possa passar regularmente a população normal do paiz, numa ordem chronologica preestabelecida; b) — instituições de ensino emendativo, para os anormaes de todos os typos, que não possam ser acolhidos nas instituições da categoria anterior; c) — instituições de ensino suppletivo, destinadas a alcançar a parte da população, que tenha escapado á acção do ensino geral?

CAPITULO II

Do ensino commum

SECÇÃO I

Discriminação

11—Como classificar o ensino geral? Qual o valor da seguinte discriminação: a) — ensino commum, destinado a formar o cidadão sem outro objectivo de sentido especial; b) — ensino especializado, destinado á formação de technicos, de especialistas, de profissionaes, das differentes especies e categorias?

SECÇÃO II

Do ensino commum

SUB-SECÇÃO I

Idéas geraes

12—Como definir o ensino commum?

13—Em quantos grãos se distribuirá o ensino commum? E' aceitavel a distribuição em dois grãos: primario e secundario?

14—Deve o ensino pre-primario ser considerado como um grão diferenciado no sistema do ensino commum? Não será preferivel considerá-lo como uma modalidade do ensino primario?

15—Poder-se-á falar de um grão superior do ensino commum?

16—Em que amplitude o ensino commum, em cada um de seus graus, deve ser ministrado em todo o paiz?

SUB-SECÇÃO II

Do ensino pre-primario

17—Quaes as finalidades do ensino pre-primario?

18—Quaes as creanças a que se deve destinar, de preferencia, o ensino pre-primario (idade, situação social, etc.)?

19—Quaes as modalidades do ensino pre-primario? Quaes devem ser as instituições de ensino pre-primario?

20—Como deve ser organizado o ensino pre-primario, no que concerne ás condições de matricula (idade, saude, etc.), ao estabelecimento de internato e externato, á educação, ás technicas de ensino?

21—Que se deve ensinar na escola pre-primaria?

22—Que duração deve ter o ensino pre-primario?

23—Como deve ser feita a administração interna das instituições de ensino pre-primario?

24—Onde se devem localizar, de preferencia, as instituições de ensino pre-primario?

25—Constitue o ensino pre-primario um problema de actualidade no Brasil?

SUB-SECÇÃO III

Do ensino primario

26—Que é o ensino primario integral (Constituição, art. 150, paragrapho unico, letra a)? Que finalidades deve ter?

27—Deve haver, para todo o paiz, um so padrão de escola primaria, quanto á duração do curso? Em caso negativo, quaes devem ser os varios padrões?

28—Deve haver para o ensino primario, um typo de escola urbana e um typo de escola rural? Haverá logar para outros typos?

29—Que se deve ensinar na escola primaria?

30—Que actividades devem incluir os programmas do ensino primario no sentido de abrir ensejo á orientação pre-vocacional, por exercicios que despertem o interesse pelas varias especies de trabalho e por aprendizado de noções applicaveis á vida pratica? Taes actividades devem ser diferenciadas de accordo com a localização da escola?

31—Como deve ser organizado o ensino primario, no que concerne ás condições de matricula (idade e sua comprovação, saúde etc.), ao estabelecimento de internato, semi-internato e externato, a coeducação, ás technicas de ensino?

32—Como deve ser feita a administração interna dos differentes typos de escola primaria?

33—Onde devem ser localizadas as escolas primarias? Que criterios devem ser adoptados para esta localização?

34—Como entender a obrigatoriedade do ensino primario (Constituição, art. 150, paragrapho unico, letra a)?

SUB-SECÇÃO IV

Do ensino secundario

35—Que é o ensino secundario? Que finalidades deve ter?

36—Deve haver mais de um typo de curso secundario? Em caso affirmativo, que typos haverá? Qual o objectivo de cada um delles?

37—Que duração deve ter cada typo de curso secundario? Não deverão todos os typos ter a mesma duração? Que materias constituirão o programma de cada typo de curso secundario e quaes as que deverão ser communs a todos elles?

38—Em que medida (numero de annos e de horas semanaes) será exigido o estudo do grego e do latim no curso secundario?

39—Cada typo de curso secundario deverá constituir um systema estanque?

40—Os differentes typos de curso secundario darão os mesmos direitos de accesso a quaesquer cursos superiores?

41—Como se articulará o ensino secundario com os outros grãos e ramos do ensino?

42—Quaes as condições de matricula no curso secundario? Qual o minimo e o maximo de idade para o ingresso no curso secundario? Deve-se exigir do candidato á matricula certificado de conclusão do curso primario? Como se fará o exame de admissão ao primeiro anno do curso secundario? Sobre que materias deve versar este exame?

43—Que exames devem ser exigidos no final do curso secundario? Deve haver o exame de madureza? Versarão as provas apenas sobre os assumptos ensinados no ultimo anno lectivo? Quaes serão os julgadores dos exames finais, nos estabelecimentos de ensino?

44—Que é o ensino complementar, a que se refere a Constituição, art. 150, letra b? A que se destina? Quaes os typos de curso secundario complementar? Qual a duração de cada um delles? O curso complementar será ministrado nos estabelecimentos de ensino secundario fundamental, nos estabelecimentos de ensino superior ou em estabelecimento especiaes? Admittida a segunda hypothese, como seria ministrado o ensino complementar nas universidades?

45—Onde devem ser localizados os estabelecimentos de ensino secundario? Qual a relação que deve haver entre a densidade de população e o numero de estabelecimentos de ensino secundario?

46—Como deve ser feita a administração interna das escolas secundarias?

47—Como facilitar a diffusão do ensino secundario?

SECÇÃO III

Do ensino especializado

SUB-SECÇÃO I

Idéas geraes

48—Que é o ensino especializado? Quaes as suas finalidades?

49—De quantos grãos póde ser o ensino especializado? Poder-se-á distribuir o ensino especializado em tres grãos: elementar, médio e superior? Que outra distribuição se poderia fazer?

50—Qual o criterio para a distribuição dos cursos especializados pelos differentes grãos? Este criterio será o da quantidade ou o da especie do ensino nelles ministrado? Ou será o de preparo exigido para a matricula?

51—Quaes os varios ramos do ensino espe-

pecializado? Quaes as especies de cursos especializados dos differentes grãos?

52—Em que proporção deve ser ministrado o ensino theorico e o ensino pratico nos cursos especializados?

53—Como articular o ensino especializado com o ensino commum?

SUB-SECÇÃO II

Do ensino elementar

54—Que é o ensino especializado elementar? Como caracterizal-o?

55—Quaes devem ser os cursos especializados elementares? Como classifical-os?

56—Como organizar cada um dos cursos especializados elementares, no que diz respeito á localização das escolas, ao funcionamento dos cursos (duração, seriação) ás condições de matricula (idade, preparo, saúde), á conveniencia do estabelecimento de internato, externato ou semi-internato, á coeducação, ás technicas de ensino, ás regalias conferidas pelos certificados, á administração interna das escolas?

57—Como se articularão os cursos elementares especializados com a escola primaria e com os cursos especializados de grão médio?

SUB-SECÇÃO III

Do curso médio

58—Que é o ensino especializado médio? Como caracterizal-o?

59—Quaes serão os cursos especializados médios? Como classifical-os?

60—Como organizar cada um dos cursos especializados médios, no tocante ás materias que devam ser ensinadas, á sua seriação, ás condições de matricula (idade, preparo, saúde), ás technicas de ensino, ás regalias conferidas pelos certificados?

61—Onde devem ser localizadas as varias especies de escolas especializadas médias?

62—Como deve ser feita a administração interna das escolas especializadas médias?

SUB-SECÇÃO IV

Do ensino superior

63—Que é o ensino especializado superior? Como caracterizal-o?

64—Quaes serão os cursos especializados superiores? Que outros, além dos existentes, devem ser instituidos?

65—Que modificações devem ser feitas na organização actual dos cursos de direito, de medicina, de pharmacia, de odontologia, de

agricultura, de veterinaria e de outros cursos superiores que têm regular funcionamento no paiz?

66—Quantos cursos superiores de philosophia haverá? Quantos de sciencia? Quantos de letras?

67—Como organizar cada um dos cursos superiores, quanto ás condições de matricula, ás materias que devam ser ensinadas, á sua seriação, ás regalias conferidas pelos diplomas?

68—Além dos cursos superiores regulares, que outros de especialização ou aperfeiçoamento deve haver?

69—Como póde ser definida a universidade? Que é que a caracteriza?

70—Qual a composição minima da universidade? Que requisitos deve satisfazer uma escola para fazer parte da universidade? Póde caber a denominação de universidade a um conjunto de escolas superiores, a que falem os cursos de philosophia, de sciencias e de letras?

71—Que instituições complementares poderão fazer parte de uma universalidade? Que funções terão ellas? Que requisitos deverão satisfazer?

72—Como deve ser feita a administração de uma universidade? Deve a universidade ser dividida em faculdades ou em departamentos? Como entender cada uma destas divisões?

73—Como deve ser entendida a autonomia universitaria? Deve ser absoluta ou relativa? Esta autonomia deve ser economica? Deve ser administrativa? Deve ser didactica?

74—Deve o ensino superior do paiz ser feito, de preferencia, em universidades? Ou será preferivel ministral-o em estabelecimentos isolados?

75—Que exigencias deve a União estabelecer para que uma universidade se institua e entre a funcionar?

CAPITULO III

Do ensino emendativo

SECÇÃO I

Idéas geraes

76—Que se deve entender por anormaes? Para os fins educativos, como classifical-os? Que outra designação lhes poderia ser dada? Devem ser instituidos cursos para anormaes? Quaes as suas finalidades? Em que o ensino dos anormaes deve differir do ensino dos normaes? Para que especies de anormaes devem ser organizados cursos?

77—Onde ministrar o ensino para anormaes? A educação dos anormaes se fará em esta-

belecimentos próprios ou em classes especiaes nos estabelecimentos de ensino para normaes?

78—Deve haver órgãos centraes para o reconhecimento e selecção dos anormaes? Como devem ser constituídos estes órgãos?

79—Convem que todos os estabelecimentos de ensino para anormaes fiquem sob a superintendencia do órgão administrativo encarregado da educação, ou ha alguns que devam ficar sob superintendencia de outros órgãos da administração?

SECÇÃO II

Do ensino para os anormaes do physico

80—Que se entende por anormaes do physico? Como classifical-os para os fins educativos?

81—Devem ser instituidas escolas para os anormaes do physico? Que typos especiaes de escolas para os anormaes do physico devem existir?

82—Como deve ser feito o ensino especializado para os anormaes do physico? Como graduar os cursos?

SECÇÃO III

Do ensino para os anormaes da intelligencia

83—Que se entende por anormaes da intelligencia? Como classifical-os para os fins educativos?

84—Devem ser instituidas escolas para os anormaes da intelligencia? Deve haver ensino para todos elles, inclusive para os anormaes profundos? Deve haver ensino para os supernormaes?

85—Como deve ser feito o ensino commum e o ensino especializado para os anormaes da intelligencia? Como graduar os cursos?

SECÇÃO IV

Do ensino para os anormaes do character

86—Que se entende por anormaes do character? Como classifical-os para os fins educativos?

87—Devem ser instituidas escolas para os anormaes do character? Devem ser estabelecidas, de preferencia, colonias especiaes? Como verificar os effeitos da educação nos anormaes do character?

88—Como devem ser educados os menores delinquentes?

89—Como devem ser organizados os tribunales e juizes de menores? Que funcções devem ter?

90—Como deve ser feito o ensino commum e o ensino especializado, para os anormaes do character? Como graduar os cursos?

91—Como preparar o anormal do character para uma profissão?

CAPITULO IV

Do ensino suppletivo

SECÇÃO I

Discriminação

92—Qual a amplitude do ensino suppletivo? Quaes as suas variedades? Deve abranger res, scientistas, sacerdotes, militares, politicos,

104—As actividades relativas á educação o ensino primario e o ensino de continuação, para adultos e adolescentes, e o ensino dos selvicolas? Que outra discriminação se poderia fazer do ensino suppletivo?

SECÇÃO II

Do ensino primario para adultos e adolescentes

93—Como resolver o problema do ensino primario para os adultos e adolescentes que não tenham tido oportunidade de receber-o na idade regular?

94—Deve haver mais de um typo de escola primaria para adultos e adolescentes? Quaes serão estes typos?

95—Onde localizar as escolas primarias destinadas a adultos e adolescentes?

96—Convém o estabelecimento de colonias ou internatos ruraes, para o ensino suppletivo de adultos e adolescentes?

SECÇÃO III

Do ensino de continuação para adultos e adolescentes

97—Devem ser estabelecidos cursos de continuação para adultos e adolescentes? No caso affirmativo, quaes os ramos e grãos destes cursos?

98—Como devem ser organizados os cursos de continuação, nos centros urbanos e nas zonas ruraes?

99—Devem os programmas dos cursos de continuação ser identicos aos do ensino geral?

100—Devem os cursos de continuação dar aos alumnos as mesmas regalias conferidas pelo ensino geral?

101—Como interessar as empresas industriaes, commerciaes e agricolas, bem como as associações de classe, na manutenção dos cursos de continuação?

SECÇÃO IV

Da educação dos selvicolas

102—Como deve ser resolvido o problema da educação dos selvicolas? Que cursos e que escolas devem ser estabelecidos para esta educação? Como mantel-as?

(Termina no proximo numero).

A côr da pelle

Entre todas as peculiaridades que offerece o revestimento do corpo humano, a côr da pelle foi desde logo considerada pelos primeiros investigadores como um dos caracteristicos raciaes mais significativos.

Digno de nota é que já os antigos egypcios emprestavam á côr da pelle, como característica differencial das raças, a mesma importancia que em nossos tempos lhe attribuiram Linneu, Blumenbache e Cuvier. Em tumulos reaes da XVIII dynastia, foram encontradas pinturas muraes a fresco, representando os diferentes grupos raciaes então conhecidos, e nestes quadros, os individuos de origem egypcia, alem de outros caracteristicos typicos, mostravam a côr pardo-avermelhada da pelle, ao lado de negros e mongolicos perfeitamente caracterizaveis pela côr da epiderme.

E' claro que uma classificação de raças baseada exclusivamente na côr da pelle, sobre ser falha, seria tendenciosa; mas não se póde negar que este caracteristico não deve ser esquecido em nenhuma elassificação racial, seja qual fôr o criterio adoptado. Assim o comprehendeu o professor Roquette Pinto em sua classificação dos typos anthropologicos brasileiros, na qual, como é sabido, a côr da pelle figura ao lado de outros caracteristicos, como sejam, o typo de cabello, a côr dos olhos, a estatura, o indice cephalico, o indice nasal, etc.

De dois factores resulta o tonalidade de côr da pelle humana:

1.º). Presença de um pigmento granuloso que se distribue em parte pela epiderme, em parte pelo córium, ou pelas duas camadas simultaneamente;

2.º). Transparencia através dos finos vasos da pelle, da côr vermelha do sangue nelles contido.

Da combinação desses dois factores resulta toda a gama de variações da côr da pelle, que podem ser encontradas nos diversos grupos humanos.

Deste modo se explicam as alterações da côr, susceptiveis de serem observadas em certas regiões da pelle. Ao passo que o pigmento granuloso é invariavelmente o

mesmo no momento da observação, o maior ou menor affluxo de sangue, segundo factor, determina modificações sensiveis no aspecto da pelle, por exemplo, o rubôr accentuado da face, provocado pelo frio ou por uma excitação de ordem psychica: Isto nos individuos de côr branca ou de pelle pouco pigmentada,

Naquelles em que oppostamente a pigmentação é rica e abundante, como nos negros, o affluxo de sangue á face traz ao contrario pronunciada palidez.

Inversamente, a diminuição do affluxo sanguineo, ou sua pobreza em hemoglobina nos casos de anemia, acarreta a pallidez dos individuos de côr branca, emquanto que nas raças de forte pigmentação, as mesmas causas como que põem em evidencia o colorido da pelle. Assim, o Negro a que o sangue foge das faces pelo terror, por exemplo, parece mais escuro do que é na realidade.

Ao pigmento granuloso, *melanina* chamado, que como ficou dito se distribue pela epiderme e pelo córium, se attribue uma origem hematogenica: o pigmento resultaria da hemoglobina posta em liberdade pela destruição dos *erythnocyto*s, a materia corante diffundida sendo recolhida por outras cellulas e transformada em pigmento granuloso.

Ao lado do pigmento cutaneo, existe ainda no homem um pigmento perineural, identificavel na *pia-mater*, e com preponderancia ao nivel do bulbo, da base do cerebro e das dilatações cervico-dorsal e lombar da medulla.

Mas voltando á côr da pelle; convem accentuar desde logo que as variações encontradas entre os diferentes grupos humanos, correm por conta não da *qualidade*, mas sim da *quantiaade* de pigmento distribuido pelas cellulas do estrato germinativo da epiderme.

Nos individuos de pelle fortemente colorida, é de regra encontrarem-se os espaços inter-cellulares livres de pigmento, justamente ao contrario do que se verifica nos recém-nascidos e nas regiões descordadas da pelle de individuos adultos, onde o pigmento é intracellular.

O pigmento epithelial culmina em sua formação já na vida extra-uterina: por isso mesmo o recém-nascido branco é sabida-

mente de um tom roseo avermelhado, como aliás a creança mongolica: nos negros, entretanto, o tom é de um vermelho-escuro.

Logo depois do nascimento, intensifica-se a formação do pigmento, a conhecer pela pelle que circunda as cavidades naturaes e as unhas. Facto interessante é que o recém-nascido mestiço, de brancos com negros, se reconhece desde logo pela coloração carregada da região serineal.

Negros, papúas e australianos adquirem a côr definitiva dentro de dias ou semanas; os nossos indigenas somente ao cabo de cinco e seis annos.

A mancha azul que se encontra entre os recém-nascidos de determinadas raças resulta do accumulo de pigmento, em maior ou menor escala, pôde apresentar fôrma concentrada ou diffusa.

A fôrma concentrada é encontrada na região sacro-glutea-esquiatica em 89 % dos recém-nascidos japonezes.

A fôrma diffusa pôde ser verificada no dorso, no couro cabelludo, na face, no pescoço, na coxa e na perna.

Os esquimós e não raro os japonezes adultos, mostram na face pequenos signaes azues, que não são entretanto equiparaveis ás verdadeiras manchas, ditas *mongolicas*, a que nos reportamos em primeiro logar.

De regra, a mancha azul já presente na epoca do nascimento, attinge ao maximo do desenvolvimento durante o primeiro anno da vida, entrando dahi por diante e desvanecer-se lenta e gradativamente, de tal modo que sua presença é assignalada em 99 % das creanças japonezas dentro do primeiro anno de idade, e em apenas 3 % aos 13 annos; dahi por diante só excepcionalmente é verificavel.

Entre os annamitas, o desaparecimento da mancha azul é ainda mais precoce.

A macha azul que foi considerada como peculiar á raça mongolica — donde o nome por que é ainda conhecida — tem sido entretanto encontrada em numerosos outros grupos humanos. Não ha negar não sejam os mongolios os detentores das mais

altas percentagens, isto é. os chinêses, japonezes, esquimós, annamitas, birmanenses, malayos, javanêses, philippinos, wayanos, etc. Mas pôde tambem ser verificada entre os Indios das tres Americas, menos frequentemente entre os negros puros, e menos ainda entre os eurôpeus.

E' bem de vêr que a distribuição de pigmento não é identica em toda a superficie do corpo. Para que disto nos convençamos basta que se examinem a palma e o dorso da mesma mão.

De regra, é a superficie dorsal do tronco a mais pigmentada.

Pôde-se estabelecer a seguinte escala decrescente a partir das regiões mais ricas em pigmento; Dorso, superficie de extensão dos membros, ventre, peito, face (aliás com abundante pigmentação na fronte e dorso do nariz) superficie de flexão dos membros, palma das mãos e plantas dos pés.

Nos individuos de rica pigmentação e nas raças negras, o colorido da pelle propaga-se á mucosa visinha. Somente nos individuos louros são os labios isentos de pigmento para alem da linha limitrophe da mucosa; por isso mostram-se rubros, graças á transparencia da rica rede capillar do musculo orbicular.

O mais claro tom da pelle é encontrado entre os povos do Norte da Europa, excepção feita dos Lapões; no sul da Europa, os diversos grupos já apresentam maior pigmentação. Typos pouco pigmentados são ainda localizados na Asia Menor, na Persia e ao norte da Africa.

A pelle amarella, característica dos mongolídios, é propria dos filhos da Asia central, nordica, oriental e antartica. Entretanto alguns grupos chinêses do norte mostram um tom de pelle comparavel ao dos eurôpeus.

O tom pardo mais ou menos accentuado, é attributo da zona artica, do nordeste da America Septentrional, do Oriente



A Carie Dentaria Retarda o Desenvolvimento Mental e Diminue a Resistencia Contra as Molestias

A Carie Dentaria Será Vencida

O combate á carie dentaria, que uma proeminente autoridade dentaria declara ser mais valiosa do que se pensa, está disseminada pelo mundo todo. Os medicos e dentistas de muito paizes, nos campos bacteriologicos, chimicos e de a clinicamedica, estão desenvolvendo valiosas informações no fito de chegarem a uma solução desse problema.

Desde que o Professor W. D. Miller em 1881 definitivamente ligou a bacteria oral com a carie dentaria, muitas theorias sobre a carie dentaria appareceram. Recentes investigações, entretanto, confirmaram definitivamente as conclusões do Prof. Miller de que as bacterias productoras de acido, são as responsaveis pela carie e que o estabelecimento de uma rigorosa asepsia buccal, trazendo o decrescimento da flora buccal, retarda grandemente a carie do dente.

Por isso, a pratica da hygiene buccal não deve ser descurada. Uma clara exposição ao cliente, sobre a relação entre a bacteria buccal e a ruina do dente e o modo correcto de utilizar-se da escova, estimu-

lará ao cliente a pratica diaria da hygiene buccal. O uso de um verdadeiro dentifricio antiseptico auxiliará a manter o bom estado da bocca, conforme as prescripções do dentista.

O creme dentifricio KOLYNOS, que destróe de 80 a 92 por cento das bacterias da bocca em cada escovadela, fornece deo meio seguro para o combate á acção deletéria dos microbios sem que se verifique a menor injuria ao delicado tecido, emquanto que limpa a bocca e deixa os dentes admiravelmente polidos.

A pedido os nossos distribuidores enviar-lhe-ão, com prazer, um pacote de amostras —gratis—

Distribuidores

Paul J. Christoph

Rua do Ouvidor, 98—Rio de Janeiro

The Kolynos ómpany

NEW HAVEN, CONN.

U. S. A.

Casa Orlando Rangel

DROGARIA E
PERFUMARIA

Rangel Costa & Cia.

Grande deposito de drogas, produtos quimicos, especialidades farmaceuticas e perfumarias, nacionaes e estrangeiras

83, Rua Republica do Peru, 83 — Rio de Janeiro

A que mais barato vende perfumarias

Assistencia Dentaria Escolar

Chamamos a atencão dos senhores dentistas escolares para o grande sortimento de artigos dentarios, que a CASA CIRIO oferece em optimas condições.

Ouvidor, 183 — Phones, 22-9249 e 22-9446

CAMBUQUIRA

Dentre seus magnificos hotéis destaca-se, pelo seu predio especialmente construido, pelo conforto que offerece, e pela escolhida sociedade que o frequenta — o ELITE HOTEL. Está situado na principal rua da cidade, e é o que se acha mais proximo das fontes. Para mais informações dirigir-se ao seu proprietario — Julio Lemos.

e do sul da America Meridional, e de quasi todas as ilhas do Pacifico.

O tom pardo avermelhado é encontrado entre muitos grupos de Amerindios do norte e do sul, nas Indias anterior e posterior, bem como no sul da Africa.

A pelle negra, propriamente dita, caracteriza os australianos, os melanesios, os grupos negroides do sudeste da Asia e particularmente os negros da Africa, que aliás dentro da intensa coloração propria, apresentam todas as tonalidades possiveis, sendo os tuaregues os mais negros, entre os que mais o fõrem.

BASTOS DE AVILA.

Bibliographia

«ESTUDINHOS DE ETHYMOLOGIAS», pelo
Professor Pedro A. Pinto

O sr. professor Pedro A. Pinto já nos habituou com os seus proficientes trabalhos.

O ultimo, *Estudinhos de Ethymologias*, cuja modestia do titulo esconde o seu verdadeiro valor, não desmerece do conceito que o autor já firmou de autoridade em assumptos de philologia.

Com proficiencia e exhaustivamente explana o A. a origem de cerca de duzentos e cinquenta vocabulos, muitos dos quaes não apparecem em os nossos dictionarios ou, quando figuram, são de maneira incompleta ou errada.

As ethymologias mais controversas ou de maior difficuldade em serem pesquisadas são tratadas com probidade e condição e, no correr de suas explações, as lacunas e deslises de dictionaristas patricios são exuberantemente patenteados.

E' livro indispensavel aos estudiosos da nossa lingua que honra ao autor e á nossa literatura especialisada.

Tres Palavrinhas

EXEGESE — Esta palavra de formação grega, passada ao português e a quasi todas as linguas modernas, em geral pouco modificada, ouve-se algumas vezes mal pronunciada. Em nossa lingua devemos dizer *egzegéze* ou *ezegeze*. Taes são as pronuncias que se ouvem entre as pessoas mais cultas e penso se deva preferir a segunda por mais simples: *ezejeze*.

CLIPS. — Inventou agora a moda, para uso das senhoras em seu vestuario, uns objectos, de variadas fórmas, feitos de galalite, de celuloide, de vidro ou de metal, e que não são mais que pegadores, ou prendedores. Chamam-se *clips*, nome inglês.

A palavra já era velha e revelha na technica dos escriptorios: *clips* são os pegadores, de variadissimas formas, com que se reúnem ou se apensam papeis.

Por que vem aqui essa palavra? Unicamente porque tenho ouvido, de pessoas menos instruidas, *um clips*... e ahi está erro, em que não posso consentir. *Clips*, minhas prezadas senhoras, é plural; o singular é *clip*.

Portanto, *um clip, varios clips*.

HARAS. — Este vocabulo, da technologia especial da criação de cavallos, encontra-se frequentemente mal pronunciado e tambem erroneamente empregado (isto nos jornaes). Trata-se de palavra franceza, usada pelo mundo fóra e deve ser pronunciada *ará*.

Quanto á significação, deve-se notar que não quer dizer cocheira, como supõem alguns trefegos escribas. *Haras* é o estabelecimento em que se criam cavallos, e o nome se congrega mais particularmente para indicar aquelle em que se criam cavallos de raça.

MESTRE-ESCOLA.

Língua Materna

¿ Que é que significa a expressão apêndice ensiforme?

Em meu "Dicionário de termos médicos" vê-se, relativamente ao vocábulo, mais ou menos, o que aparece em quase todos os dicionários. Escrevi :

"Ensiforme. Em forma de espada. Do lat. *ensis*, a espada." Apêndice ensiforme é outro nome de apêndice xifóide. Em grego, *xifos* corresponde a *ensis*, latino, a espada e *eidos*, que deu em português *oide*, designante de forma, de semelhança.

A respeito de *ensis* copio Ernoutt-Meillet :

"*Ensis*, is, m. espada. Mesmo sentido que gládio, segundo Quintiliano, 10. I. II, mas principalmente reservado à língua da poesia, como *ensifer*, *ensiger*, (imitação do grego *xiferes*, que designa Orion), *ensipotens*. Dim. *ensiculus* (Pl.) O caracter poético e literário da palavra explica o não ter passado para as línguas romanas. Além disso, os nomes de armas se renovam e se confundem com os dos objectos que designam; *ensis* foi suplantada por *gladius*, que deve ser céltico e este sofreu na linguagem romana a concorrência de *spata*, grego cf. M. L. 8428; Cousin. Les Armes romaines p. 489."

O sr. Antenor Nascentes escreve em seu "Dicionário etimológico" :

"Ensiforme.—Do lat. *insignare*, gravar um sinal; esp. *ensenar*, it. *insignare*, fr. *enseigner*."

Seria demasiado qualquer comentário a esse texto, redondamente errado, escrito pelo etimologista do Colégio de Pedro 2º.

Da raiz de *ensis* há outras palavras na linguagem médica, v. g. *ensisterno*, *ensisternal*,... e fora da linguagem médica, na dos eruditos e poetas, usa-se *ensifero* como armado de espada, que traz espada.

Está nos *Fastos*, de Ovídio :

"*Ensiger Orion aequore mersus erit.*" Castilho pôs em linguagem :

"já sepulto e no mar o Orion ensifero." Igualmente, em "Os Lusíadas", há este verso :

"De quem foge o ensifero Oriente." (c. VI. E. n. 85).

Orion, que Camões transformou em Oriente, é constelação representada por um gigante com uma espada na mão, daí o qualificativo de *ensifero*. Figueiredo consigna um exemplo do canto Vº, exemplo que não existe e foi registado por engano. Tem o latim *ensifer* e *ensiger*. *Ensifer* é de *ensis* e *fero*, tuli, latum, ferre, trazer... Gero vale por gerar, produzir. Mas, assim em latim, como em português, também corresponde a trazer, levar, conduzir...

Em "Os Lusíadas", por exemplo, há *cornigero*, em vez de *cornifero*, *beligero*, por *belifero*, *armigero*, no lugar de *armifero*...

"Com a fronte *cornigera* inclinada." (I. 88)

"Onde a gente *beligera* se estende." (I. 34)

"Os primeiros *armigeros* regia." 4. 23)

—O apêndice xifóide é ás vezes dito apêndice mucrônico. O último termo, do latim *mucro*, *onis*. é ponta, extremidade aguda. Está em meu "Dicionário de termos médicos" :

"Mucrônico. Referente à ponta do coração ou a qualquer ponta."

"Mucro-cordis. Ponta do coração, ápice cardíaco." "Mucronado. Que tem ponta. Pontado. Terminado em ponta."

O sr. Antenor Nascentes escreve, no "Dicionário" :

"Mucro, Mucron—Do lat, *mucrone*, ponta de espada; é o apêndice xifóide do esterno."

Mucro, em latim, não é ponta de espada; é simplesmente ponta.

O apêndice xifóide não se chama *mucro* e sim "apêndice mucrônico do esterno." Apêndice xifóide do esterno é pleonasma visto que não há outro apêndice xifóide.

Mucron, que aparece em Figueiredo, não é usado, em vez de *mucro*.

Parte dos erros que se encontram no verbete do sr. Nascentes está em Figueiredo, onde se lê : "*Múcron*, ou *mucro*, m. Anat. "A extremidade xifóide do esterno. (Lat. *mucro*)." *Mucron* resulta de confusão com termos de origem grega, como *omicron*, por *omicro*. *Mucro*, *mucronis*, latino, não daria *mucron* em português. Daria *mucro* ou *mucrão*.

* * *

¿ Terá a palavra *ensinho* alguma relação com *ensis*, espada? *Ensinho* é um instrumento de agricultura, dito em latim *traha*. Em lugares dos *Geórgicas* onde aparece *trahit* e *trahae* Castilho traduziu por *ensinho* :

"...cultor que vai de *ensinho*", (Pág. n. 13) "o *ensinho* ponderoso..." (23).

Num passo, na pág. n. 123, usa Castilho *ensinha*, para designar uma planta chamada em latim *illicis*..., nome com o qual nunca topei, em nossa língua. Também há, em português, *anzinho*, dado em Figueiredo, talvez de modo errado, como outro nome de *enzinho* ou *ensinha*, como está no lanço de Castilho.

E' sabido de quem conhece qualquer coisa de latim que *quercus* ou *quernus*, a, um, corresponde a *carvalho*.

Onde Vergílio escreveu :

"...et *quernus glandes* tum *stringere tempus*."

Castilho traduziu :

"Mas vida há que apanhar : o fruto dos *anzinhos*." (Pág. n. 35).

Encinho, forma popular de *ancinho*, nada tem com *ensis*, espada. A. Coelho crê que *ancinho* provém de *hamycinus*. Copio-lhe as palavras, através de G. Viana :

"A palavra ...é, creio, a mesma que a italiana *ancino*, croque, remontando ambas a um latim vulgar *hamycinus*, do latim *hamus*, anzol".

Mas o sábio autor das "Apostilas" não aceita essa etimologia e escreve :

"Todavia, para *ancinho* a etimologia mais aceitável, e já proposta, é o latim *uncinum*. Efectivamente, se o étimo primordial fôsse *hamycinus* para *ancinho*, *hamiclolum* para *anzol* ¿ como se explicaria que do *c* latino, resultasse no primeiro vocábulo *s*, e no segundo *c*, sendo em ambos os casos o *c* pretônico em latim ?

A favor de *uncinum* milita ainda a circunstância de a forma popular ser *encinho* no sul, *incinho* no centro do reino : cf. *ingriento* e *imbigo*, por *unguento*, *umbigo*..."

* * *

¿ Há, em português, uma planta chamada *cérbera* ?

Há um gênero de apocináceas ao qual Lineu, tendo conta com sua venenosidade, chamou *Cérbera*", porque, segundo a fábula, a dentada do *cérbero* é mortífera. Em português nunca vi o termo *cérbera* para designar a planta. Figueiredo dá *cerbera*, para-xitônica, com esta deficientíssima explicação :

"*Cerbera*, f. nome científico de uma planta mexicana "

Em vez de nome científico, havia de ser "nome do gênero". Nome científico seria o do gênero e o da espécie. Também o sr. Nascentes freqüentemente usa dizer nome científico, em vez de nome do gênero. Não percebeu que é binária a denominação científica. Escreve o compatriota : "Humulácea—De *humulus*, nome científico do lúpulo."

Figueiredo acentua bem o nome do cão mitológico e o da constelação—*Cérbero*. O sr. Nascentes acerta na prosódia, mas não dá nenhuma ideia da planta, nem diz onde viu a palavra, em português. Está no "Dicionário etimológico" : "*Cérbera*—De *cérbero*, o cão do Inferno; o látex destas plantas é venenoso." ? Quais são *estas* plantas? Não se referiu o etimologista, a nenhuma planta e quem quer que leia o seu verbete nada aprenderá, o que aliás acontece com a leitura de quase tudo que escreve o sr. Nascentes.

* * *

Não sei com que intuito, deseja um *correspondente* saber se fui, quando estudante, aluno e auxiliar do Prof. T. V. Pessegueiro do Amaral. Já disse, em "Linguagem camiliana", pág. n. 37, que nunca fui discípulo do sr. Pessegueiro. Quando passei pela série da qual era professor o referido cidadão estava ele em disponibilidade. Não fui seu auxiliar, nunca entrei em seu laboratório e jamais lhe apertei a mão. Durante alguns anos, ao vê-lo, tirava-lhe o chapéu, como o fazia com todos os professores da Faculdade que não eram de minhas relações. De 1911 para cá, deixei de saudar o sr. Pessegueiro, por motivo que não vem de molde recordar. A pergunta se me afigura indiscreta, mas o consulente se dá como aluno meu e sistemáticamente respondo a todas as perguntas de alunos...

PEDRO A. PINTO.

Comunicação da Associação Brasileira de Educação

O Exército e a Educação Nacional.

N.º 12 — Um dos temas postos em relevo na ultima Semana de Educação, promovida por esta Sociedade, foi o papel do Exército como factor da educação politica da comunidade nacional, educação pela qual venha esta a compreender e sentir melhor os problemas fundamentaes de sua reorganização.

E' enorme e de todos conhecido o contingente que a educação nacional deve ás nossas Forças Armadas. E a propria organização do paiz, sob os mais variados aspectos, recebeu subsidios, dos mais valiosos, dos nossos serviços militares.

Mas é evidente, como focalizou a conferencia do sr. Teixeira de Freitas, encerrando a Semana Nacional de Educação de 1935, que essa actuação fomentadora, por multiplas fermas, da educação e da organização nacionaes atingiria o mais alto grau de eficiencia si obedecesse a um plano largo, cuidadosamente preestabelecido, e viesse a exercitar-se ao mesmo tempo e de modo permanente em todos os nossos mil e quatrocentos municipios.

Esse contacto do Exército com a vida municipal do paiz, além de servir aos objectivos militares, criando condições melhores aos serviços de alistamento, recrutamento, etc., proporcionando melhor conhecimento do territorio nacional e das condições economicas e sociaes das suas regiões, ganharia a possibilidade de uma poderosa acção directa sobre a vida municipal da Republica, no sentido de estimular-lhe as actividades, elevando-as a uma integração harmoniosa na grande vida nacional, cujo solido fundamento devem ellas constituir.

Lembre-mos a esse respeito da acção civilizadora que figuras nobilissimas do Exército Francez realizaram no seio de nações barbaras e nas mais asperas e selvagens regiões. Isso nos levará facilmente a admittir que a obra dos Marlière, dos Rondon, dos Rabello pode ser alargada e systematizada, applicando-se em beneficio do nosso inculto *hinterland*, num esforço que será bem o da integração da grande Patria Brasileira.

Oxalá estas idéias mereçam meditação e estudo, proporcionando ao paiz as fecundas possibilidades de progresso que indubitavelmente contém.

A remuneração do professorado primario.

N.º 13 — Em sua recente conferencia por ocasião da Semana de Educação, o Professor Lourenço Filho frisou o contraste doloroso entre a grandeza da missão do professor primario no Brasil e a mesquinhez da sua remuneração.

Não se chega realmente a comprehender como em muitos dos nossos Estados ainda se remunere uma função, qual a do mestre primario, função quasi sacerdotal, a que a Nação pede a modelação mental e espiritual das suas novas gerações, com um estipendio, ás vezes inferior ao dos famulos e muito communmente equivalente ao dos serventes e continuos das repartições.

Nem é tudo.

Porque só um estado de inconsciencia por parte dos homens de governo pode explicar que se confiem responsabilidades socialmente tão altas, tão complexas, tão exigentes de devotamento e sacrificio, como as que cabem ao professor primario, a serventuarios, que, além de aquinhoados com um salario que não dá siquer para uma parca alimentação, não têm diante de si nem mesmo a simples esperanza de melhores tempos e só podem encarar o futuro com o mais doloroso desencanto, pois só factores aleatorios são capazes de redimir os do penoso captivo moral que lhes é a profissão de mestre.

E' certo que o Districto Federal e São Paulo já deram exemplos carajosos elevando os padrões de remuneração do seu magistério primario e, o que é mais, criando-lhe uma carreira certa, o que vale dizer, a alentadora confiança no futuro, com os augmentos periodicos de vencimentos independentemente das humilhantes ou tragicas contingencias do favor politico e das vagas por morte dos companheiros. Mas está tardando que as demais unidades da Federação trilhem o mesmo caminho, o unico pelo qual a Nação poderá ter um magisterio primario capaz de dedicar-se á sua missão com integral devotamento, confiança na justiça das leis e sadio entusiasmo profissional.

Insta, por conseguinte, que, nesta hora em que por toda a parte se debatem planos para uma politica de desenvolvimento organico da educação nacional, seja ventilado com feição tambem nacional este ponto basico — o da majoração dos vencimentos do professorado tendo em vista um razoavel limite minimo, combinadamente com a adopção de uma escala apropriada de augmentos automaticos em função do tempo de serviço e do merecimento.

Administração educacional.

N.º 14 — Até ha pouco não se havia comprehendido bem, em parte alguma do Brasil, a necessidade de dar-se á administração educacional uma estrutura sufficientemente diferenciada em órgãos especializados e de actuação convergente.

Uma «directoria de instrucção», com duas ou tres secções burocraticas, ou menos que burocraticas, era o bastante para administrar o ensino de um Estado. Em algumas unidades da Federação, até bem pouco, o numero de serventuarios do órgão dirigente da instrucção publica não ia além de seis, inclusive o pessoal inferior.

E nestes minuculos quadros quasi que só se notam funções subalternas — amanuense arquivista, protocollista, porteiro, continuo, servente, não se chegando a comprehender como os respectivos directores possam com elles realizar o milagre de fazer qualquer coisa que se pareça com «inspecção», «orientação», «direcção», «administração», em summa, do ensino publico.

A reacção contra esse insustentavel estado de cousas começou em São Paulo e no Districto Federal, como, aliás era natural que acontecesse. Mas o movimento não se generalizou como era mister. Muitas unidades da União mantiveram seus anachronicos simulacros de «directorias de instrucção publica», de um rudimentarismo que toca ás raias do inacreditavel. E outros acompanharam incomprehendidamente o movimento, criando «Secretarias geraes de Educação» sob o criterio simplista de instituirem por sobre as rotineiras e precarias organizações anteriores uma superestrutura de designação pomposa, mas que de facto se limitava ao «Gabinete do Secretario», cuja função na pratica se resumia em constituir-se mais um centro destacado de actividades politicas, explorando e prejudicando mais directamente as parcas possibilidades financeiras do aparelho escolar.

Ora, como não se póde pensar em instituir de facto a educação nacional sem o aparelho de direcção á altura de tão alta e difficil missão social, força é concluir que os Estados devem considerar detidamente o schema de estruturação dos seus «departamentos de educação», a cuja autonomia — ora prescripta pela propria Constituição — póde, obviamente, corresponder a sua perfeita adaptação, tanto technica como administrativa, ás complexas finalidades que lhes vão ficar attribuidas como órgãos executivos do Plano Nacional de Educação.

As despesas federaes com a educação em 1933.

N.º 15 — Segundo uma estatistica que o Ministerio da Educação acaba de organizar, dos 3.371.085 contos que constituiram as despesas geraes da União no exercicio financeiro de 1933 (quinze mezes), couberam á assistencia cultural e medico-sanitaria 196.997 contos, que representavam 5,84 % das despesas totaes e dos quaes nada menos de 79,66 % (156.919 contos) foram empregados na Capital Federal.

Para esse total de 196.997 contos apenas concorriam as despesas educacionaes de todos os Ministerios com 78.914 contos, ou 2,34 % das despesas geraes da União. Aquellas despesas realizaram-se no Districto Federal na importancia de 63,44 %, a quanto correspondia o competente total de 50.060 contos. E os Estados beneficiados com esses dispendios em quotas superiores a 1 % foram apenas sete a saber: Rio Grande do Sul, com 5.464 contos (6,92 %), Bahia com 4.949 (6,27 %), Minas Geraes com 3.931 contos (4,98 %), São Paulo, com 3.768 (4,78 %), Pernambuco, com 2.450 contos (3,10 %), Ceará, com 1.812 contos (2,30 %) e Rio de Janeiro com 1.031 contos (1,31 %).

O quantitativo das despesas com a educação assim se discriminava por Ministerios: Educação, 54.173 contos; Guerra, 10.950 contos; Marinha, 6.272 contos; Agricultura, 4.012 contos; Justiça, 3.448 contos; Trabalho, 55 contos; Viação, 3 contos.

O mesmo total, que comprehende tanto as despesas custeadas pelo Thesouro Nacional, como as que correram por conta das «rendas internas» e do «fundo» constituido pelo sello de «educação e saude», apresentava a seguinte discriminação segundo as principaes rubricas: pessoal, 54.259; material, 12.453 contos; subvenções e auxilios, 7.176 contos; sem especificação, 5.026.

Consideradas apenas as «despesas de custeio», que montaram a 71.738 contos, vê-se que as instituições de ensino civil foram atendidas com 38.686 contos enquanto as de ensino militar exigiam 17.058 contos. A parte restante assim se distribuiu: custeio de instituições culturaes, 3.225 contos; custeio de repartições fiscalizadoras do ensino, 10.525 contos; custeio de serviços administrativos geraes, 2.244.

Os 36.686 contos do custeio do ensino civil apresentam-se, no trabalho em exame, com triplice discriminação. Considerados, em pri-

meiro lugar, os grãos da obra educativa, coube a maior parcella — 22.275 contos — no ensino superior; o ensino secundario foi aquinhoado com 6.030 contos, e o elementar, com 10.381 contos. Attendendo-se ao caracter do ensino, verifica-se que couberam 34.431 contos ao ensino commum, reservando-se ao ensino especial — suppletivo e emendativo — 4.255 contos. Distinguindo, finalmente, às prin-

cipaes modalidades do ensino, a estatística em apreço constata que a União reservou: ao ensino gymnasial, 3.585 contos; ao ensino agricola, 2.877 contos; ao ensino technico-industrial, 5.213 contos; ao ensino juridico, ... 1.795 contos; ao ensino medico, pharmaceutico e odontologico, 11.910 contos; ao ensino polytechnico, 4.719 contos; e a outras modalidades, 8,587 contos.

COLLECÇÃO DO ANNO 1934—35

d'a Escola Primaria

Forma um volume de perto de 300 paginas. Conferencias pedagogicas. Artigos doutrinaris. Interessantes trabalhos sobre a Escola Activa. Lições e exercicios praticos que constituem excellente guia para o professor.

PREÇO } encadernada :..... 16\$000
 } em avulsos 12\$000

Dirigir os pedidos á Redacção d'A

“ESCOLA PRIMARIA”

Rua 7 de Setembro, 174

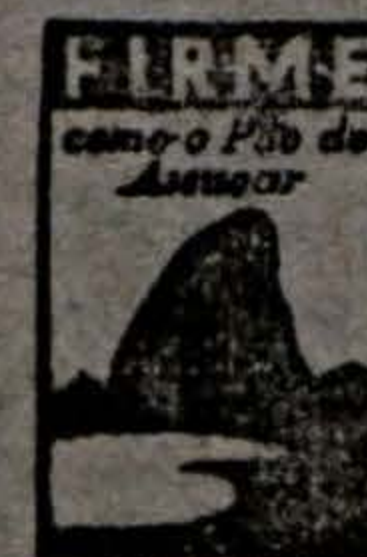
RIO DE JANEIRO



Um dever dos paes...

JA' lhe ocorreu pensar nos apuros de sua esposa si ella tivesse — como viuva e sem os recursos de seu trabalho — de custear os estudos dos filhos?

O Snr. ignora, por completo, tudo que póde acontecer daqui a um ou dois annos. Porque, então, viver acompanhado desse temor que é tão facil de afastar com um seguro de vida? Veja quanto lhe é possivel economizar todos os mezes. Depois escreva-nos para receber informações sobre as condições em que póde fazer um seguro para garantir a protecção e a educação de seus filhos... Faça isto hoje. As nossas informações não lhe acarretam o minimo compromisso.



Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO S. PAULO BELLO HORIZONTE
 Rua do Ouvidor, 166 — Rua Libero adaró, 49, A — Rua da Bahia, 1052

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$700
2.º Livro de Leitura.....	1\$000
3.º Livro de Leitura.....	1\$000
4.º Livro de Leitura.....	1\$000

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia.....	\$700
2.º Livro de Leitura.....	1\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000
5.º Livro de Leitura.....	4\$000

SERIE PUIGGARI-BARRETO

1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	2\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$200
Cartilha Analitica.....	2\$000
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura... Cartilha.....	1\$500 2\$000
Leitura preparatoria.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000

JOÃO KOPKE

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500
4.º Livro de Leitura.....	3\$500
Leitura Praticas.....	2\$000
Fabulas (em verso).....	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2.º anno.....	2\$500
Leitura para o 3.º anno.....	2\$500
Leitura para o 4.º anno.....	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	3\$500

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	5\$000
Selecta Classica.....	6\$000

ASSIS CINTRA

Pequenas Historias.....	2\$500
-------------------------	--------

O. BILAC e M. BOMFIM

Atravez do Brasil.....	5\$000
Leitura complementar.....	5\$000
Livro de composição.....	4\$000

CARMEN GILL

Instrucção Civica.....	4\$000
------------------------	--------

ALTINA DE FREITAS

Cartilha.....	2\$000
---------------	--------

ANNA CINTRA

Ensino Completo de Leitura...	1\$500
-------------------------------	--------

A. JOVIANO

Primeira Leitura (para crianças)	2\$000
Primeira Leitura (para adultos)	2\$000
Lingua Patria—1.º Livro.....	4\$000
« « —2.º Livro.....	5\$000
« « —3.º Livro.....	5\$000

MARIA DO CARMO P. NEVES

Exercicios de Linguagem — (1., 2.º e 3.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem—(4.º e 5.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem—(6.º e 7.º annos).....	4\$000

MANOEL BOMFIM

Primeiras Saudades.....	4\$000
Creanças e Homens.....	3\$000

E. DE AMICIS

Coração.....	4\$000
--------------	--------

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente...	4\$000
------------------------------	--------

BILAC e C. NETTO

Contos Patrios.....	3\$500
Patria Brasileira.....	3\$500
Theatro Infantil.....	2\$500

ALBERTO DE OLIVEIRA

Céo, Terra e Mar.....	4\$000
-----------------------	--------

Remettemos nosso catalogo gratis para todo Brasil